

Coral das Mães da APAE de São João del-Rei: uma experiência sociomusicalizadora

Comunicação

Jean Carlos Rafael
Universidade Federal de São João del-Rei
jeancrafael123@gmail.com¹

Maria Amélia de Resende Viegas
Universidade Federal de São João del-Rei
ameliaviegas@ufs.edu.br²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência pedagógico-musical realizada com as integrantes do Coral das Mães da APAE de São João del-Rei – MG e ressaltar a importância do diálogo entre a Extensão Universitária e a Comunidade. O coro é constituído por mães de alunos da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação para Jovens e Adultos – EJA da supracitada instituição. Adotamos aqui a perspectiva da sociomusicologia de Lundquist (1982), alinhada ao pensamento de Koellreutter (2018) para as discussões teóricas do trabalho, pois entendemos que essas abordagens assumem o compromisso da educação musical na formação de um ser humano integral e participante da sociedade. Os ensaios do coro ocorriam semanalmente, em um encontro de uma hora de duração e eventualmente o Coral se apresentava em comemorações da própria instituição (APAE) ou seminários da Universidade. Ao final do trabalho, percebemos que o canto coral foi um agente potencializador da expressão emocional e da comunicação, promovendo, assim, o resgate da autoestima das coristas, proporcionando-lhes um espaço onde se sentiram protagonistas.

Palavras-chave: Canto coral. Música na APAE. Sociomusicalização.

Introdução

¹ Licenciando em Música da Universidade Federal de São João del-Rei, com ênfase em Canto Popular. Bolsista do Programa “Música na APAE” e regente do Coro das Mães nos anos de 2017 a 2019.

² Professora do Departamento de Música da Universidade Federal de São João del-Rei na área de Educação Musical e coordenadora do Programa de Extensão “Música na APAE”.

O Coral das Mães da APAE³ de São João del-Rei nasceu em 2016, como fruto do programa de extensão intitulado “Música na APAE”. Segundo o site da Federação Nacional das Apaes, a APAE caracteriza-se por ser uma organização social, cujo objetivo principal é promover a atenção integral à pessoa com deficiência intelectual e múltipla. As APAEs atuam na Educação infantil, Ensino Fundamental, Educação profissional, e Educação de Jovens e Adultos - EJA.⁴

O Programa de Extensão Universitária “Música na APAE” foi criado no ano de 2016, e, desde então, tem funcionado ininterruptamente, com o objetivo principal de promover a Educação Musical das crianças com deficiência, além de propiciar aos alunos do curso de Licenciatura uma experiência pedagógico-musical no campo da Educação Musical Inclusiva. Paralelo a esse programa, ações têm sido criadas para expandir esse campo no Departamento de Música, como a promoção de Seminários, disciplinas optativas e parcerias com cursos e profissionais de outras áreas. Neste trabalho, iremos descrever a experiência com as mães das crianças da APAE, por meio do Canto Coral.

Em decorrência das deficiências que acometem as crianças da APAE, e dos cuidados redobrados que elas necessitam, algumas mães de alunos permanecem na instituição durante o horário letivo. Dessa permanência para acompanhamento dos seus filhos, surgiu o Clube das Mães, que proporciona a elas a oportunidade de participarem de atividades de cunho profissional e/ou recreativo enquanto esperam o fim das aulas, e, em alguns casos, essas atividades geram renda que é convertida em doação para a APAE.

Quando tivemos conhecimento da existência do Clube das Mães, começamos a oferecer a elas oficinas de musicalização, inicialmente com o intuito de capacitá-las a

³ Optamos pela grafia de “Coral **das** Mães” por entendermos, como veremos na descrição do trabalho, que o grupo se tornou um espaço próprio de desenvolvimento, realização, e partilha entre elas.

⁴ “O Movimento Apaeano é uma grande rede constituída por pais, amigos, pessoas com deficiência, voluntários, profissionais e instituições parceiras - públicas e privadas - unidas para a promoção e defesa dos direitos de cidadania da pessoa com deficiência e a sua inclusão social. Atualmente o Movimento congrega a Fenapaes - Federação Nacional das Apaes, 24 Federações das Apaes nos Estados e mais de duas mil e duzentas Apaes distribuídas em todo o País, propiciando atenção integral a mais de 700 mil pessoas com deficiência intelectual e múltipla. É o maior movimento social do Brasil e do mundo na sua área de atuação” (FENAPAES, 2020, disponível em <<http://www.apaebrasil.org.br/pagina/a-apae>>, acesso em 30/08/2020)

reproduzirem, em suas casas com seus filhos, as atividades trabalhadas com eles em aula. Na medida em que as oficinas aconteciam, as mães começaram a expressar uma vontade cada vez maior de cantar. Frente a essa demanda, o processo de musicalização, abriu espaço para abordagens mais específicas do canto coral, como a técnica vocal e o fazer musical coletivo. Essas oficinas com o Clube de Mães culminaram, em 2016, no nascimento do Coral das Mães da APAE.

A educação musical pela via estético-social: desafios de uma educação sociomusicalizadora

Escolhemos discutir o significado do trabalho feito com o Coral das Mães da APAE a partir da ótica do educador musical H. J. Koellreutter e por meio do conceito de sociomusicologia apresentado por Lundquist (1982), por esses dois autores apresentarem uma perspectiva social para o trabalho artístico e pedagógico musical, que dialoga e ampara nossos objetivos no trabalho com o Coro das Mães. Lundquist (1982) define a sociomusicologia como

(...) o estudo da música em seu contexto social que tenta explicar a música como fenômeno humano em relação ao meio social. Ela examina as inter-relações entre música e sociedade, referindo-se às causas ou influências sociais que favorecem, opõem ou modificam os componentes, processos, e produtos de música; ou às consequências sociais dos fenômenos musicais. Está preocupada com a interação da música e da sociedade a partir das perspectivas que são sincrônicas e diacrônicas, são inter e intraculturais e originam com indivíduos examinados em grupos. É uma abordagem específica para o estudo e interpretação de “realidades musicais que têm um aspecto social, sem que suas essências sejam esgotadas por seu caráter social” [ARON, 1968, 8-9] (LUNDQUIST, 1982, p. 115, tradução nossa).⁵

⁵ “(...) the study of music in its social context that attempts to explain music as a human phenomenon in relation to the social milieu. It examines the interrelationships between music and society, referring either to the social causes or influences which favor, oppose or modify the components, processes, and products of music; or to the social consequences of musical phenomena. It is concerned with the interaction of music and society from perspectives which are synchronic and diachronic, are inter- and intra-cultural, and originate with individuals examined in groups. It is a specific approach to the study

Lundquist (1982) chama a atenção para a necessária e estreita relação entre música e sociedade. A partir do conceito acima descrito, mostra como as realidades musicais têm um caráter social, apesar de não se esgotarem nele.

Assim também a educação musical não pode prescindir da perspectiva social e da função social que a arte (Música) pode desempenhar nos grupos sociais. Como entende Koellreutter, “(...) a função da arte varia de acordo com as intenções e as necessidades da sociedade (...)” (KOELLREUTTER, 2018, p.37) Em “O Ensino da Música Num Mundo Modificado”, Koellreutter defende uma arte “quase” engajada, que não se traduz na arte do gênio criador, ou mesmo na arte como lugar de uma elite privilegiada. A arte, para Koellreutter, deve ser para todos, é uma arte “aplicada”, como diz o próprio autor, e por isso “como instrumento de libertação, a arte torna-se um meio indispensável de educação (...)” (KOELLREUTTER, 2018, p.38).

Delimitar a função social não implica se esgotar nela, como cita Aron (apud LUNDQUIST,1982). Por isso, o trabalho do educador musical é duplamente importante. Ele é um “mediador” social, que oportuniza às pessoas o acesso à arte musical e que trabalha no desenvolvimento de suas potencialidades artísticas, promovendo, nas palavras de Koellreutter, a “humanização estética”.

A educação musical, na perspectiva social, não significa valer-se da arte somente como ‘entretenimento’ ou meio de socialização. Fernandes (2004), a partir de Temmerman (1991) discute essa questão descrevendo as filosofias intrínseca e extrínseca da Educação Musical. A primeira se refere, segundo Fernandes, ao desenvolvimento da educação musical com foco na Música, pelo seu valor em si, priorizando a educação estética. A filosofia extrínseca, ao contrário, prioriza as funções da educação musical que ultrapassam o seu caráter estético, indo em direção às funções como comunicação social, desenvolvimento emocional, e valor disciplinar, entre outros.

Concordamos com Penna (2012) que essas funções devem estar equilibradas no trabalho do educador musical. No nosso entender, não há como separar o homem social do

and interpretation of musical "realities which have a social aspect, without their essence being exhausted by their social character. (Aron, 1968, 8-9)” (LUNDQUIST,1982).

homem estético. No Coral das mães, como veremos, a seguir, ao mesmo tempo que se desenvolviam musicalmente, sua autoestima aumentava, sentiam-se emocionalmente mais felizes e integradas à arte da música e ao grupo musical.

O Coral das Mães da APAE: Metodologia e Desenvolvimento do Trabalho

No presente trabalho, o canto coral se apresenta para nós, para além de uma prática de grande potencial musicalizador, como um mecanismo de integração social, que aumenta a absorção do conhecimento por encorajar os membros a interagirem entre si, além de combinar os conhecimentos adquiridos às habilidades e experiências já existentes no grupo (VERGA-JURADO et al *apud* PICOLI; TAKAHASHI, 2016).

Na descrição e análise do trabalho feito com o Clube das Mães da APAE, veremos como o desenvolvimento musical, técnico e grupal foram acontecendo a partir das escolhas das próprias mães, e propiciando um crescimento musical, paralelo à integração grupal.

O Coral de Mães era um grupo pequeno (que intercalou entre 6 a 8 integrantes em média) e as coristas tinham entre 28 a 60 anos. Eram mães e avós que vivem uma dura realidade, pois, para além das demandas e preocupações resultantes das condições singulares de suas crianças, lidam com questões decorrentes da vulnerabilidade social, como falta de recursos financeiros, assistência médica e psicológica e, em alguns casos, a presença da dependência química em seus lares. Diante disso, a música passou a fazer parte da vida dessas mulheres como uma forma de aliviar as tensões do dia a dia, um momento de descontração dentro de um cotidiano que, na maior parte do tempo, gira em torno de seus filhos e netos.

Uma característica peculiar desse coral foi a troca recorrente dos regentes, que eram alunos do curso de Licenciatura em Música que cumpriam ali o seu estágio ou horas de extensão. Apesar dessa troca (o que ocorria, aproximadamente de ano a ano) e consequente mudança de método de ensaio e abordagens técnicas, essa alternância se mostrou positivamente efetiva, na medida em que o perfil dos regentes se adequava às necessidades apresentadas pelo grupo no momento em que cada um assumiu. O perfil mais recorrente era o do regente predominantemente educador musical, que no desenrolar de sua prática se

preocupava com questões mais globais do fazer musical. Em compensação havia também o perfil do regente cantor, sempre atento aos pormenores da técnica e estética vocais.⁶

Os ensaios do Coral das Mães, em um primeiro momento, ocorriam quinzenalmente. Essa periodicidade, mais espaçada, incomum quando se trata dos ensaios de um coral, se devia à disponibilidade dos regentes e à premissa de que ensaios mais frequentes poderiam sobrecarregar a rotina das mães. Posteriormente, no início de 2018, diante de uma sistematização do trabalho desenvolvido pelo Programa, e o delineamento de objetivos técnico-musicais específicos, os ensaios passaram a ser semanais.

No início do ensaio fazíamos exercícios corporais e respiratórios, buscando relaxar e igualar o estado de atenção, concentração e disposição do grupo, pois “o relaxamento propicia o controle da mente e o uso da imaginação, dá descanso, ensina a eliminar as tensões e leva à expansão da nossa mente”, de acordo com Barreto e Silva (apud CHIARELLI; BARRETO, 2005). Subsequente ao relaxamento, haviam os exercícios de aquecimento vocal com o objetivo de aprimorar a afinação, respiração, emissão e fraseado. Essa rotina de relaxamento e aquecimento ocupava aproximadamente quarenta por cento do tempo total de ensaio, o restante era gasto com o repertório. Com referência à distribuição do tempo de ensaio, Miller (2019) afirma que “deveríamos gastar apenas o tempo mínimo necessário a cada dia para lidar com a técnica do canto, para que se possa seguir para outros aspectos mais importantes da arte, que têm a ver com musicalidade, interpretação e comunicação” (MILLER, 2019, p. 36).

As primeiras músicas trabalhadas foram “Canto do povo de algum lugar”, do compositor Caetano Veloso, e “Fui passar na ponte”, cantiga folclórica. Os pontos comuns dessas duas canções eram: pouca exigência técnico-vocal, extensão curta, e as letras, também curtas, fáceis de decorar; esses aspectos foram necessários para desenvolver questões mais básicas e indispensáveis ao corista, como afinação, fraseado, respiração coral, emissão e timbre.

⁶ O curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de São João del-Rei tem como perfil de seu egresso, o Músico-educador, constando duas ênfases em sua grade curricular: Educação Musical (professor-educador de escolas regulares, projetos sociais e afins; e Instrumento/Canto (professor de instrumento/canto) Daí a diferença nos perfis dos regentes.

Conforme cantavam e adquiriam gosto pelo ato de cantar -entendendo que o canto, de acordo com Koellreutter (1944), “constitui “a arte que une e enobrece”, na medida em que expressa os pensamentos e sentimentos do homem” (apud BREUNIG, 2016, p. 38)- o repertório passou a ser composto essencialmente de músicas sugeridas pelas mães, o que resultou em uma aprendizagem “significante”, termo cunhado por Rogers⁷ que designa uma aprendizagem que é mais do que acúmulo de informações:

[...] É uma aprendizagem que provoca uma modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação da ação futura que escolhe, ou nas suas atitudes e na sua personalidade. É uma aprendizagem penetrante que não se limita a um aumento de conhecimentos (ROGERS, 1978, apud MOREIRA, 1999, p. 142).

É interessante ressaltar que, na medida em que se desenvolviam tecnicamente e refinavam sua escuta, a escolha do repertório passou a refletir esse desenvolvimento. A cada nova música escolhida, um desafio técnico se apresentava, fosse ele relacionado à extensão vocal necessária para a execução da peça, ou à uma subjetividade interpretativa.

A subjetividade interpretativa se refere ao fato de que, ao cantarmos, nos conectamos com nossos sentimentos, experiências e desejos, e de forma subjetiva, por meio da voz, somos capazes de externalizar tudo o que somos e sentimos. Interpretamos, a partir de nossas experiências de vida, a ligação entre música e texto, no caso das canções, e ao cantarmos expomos ao público o que há de mais singular e particular em nós, pois “a voz reflete a condição mental, emocional e física da pessoa” (SAHDI, 2014, p. 19).

Um exemplo muito forte e marcante acerca da subjetividade interpretativa, foi a experiência estética de ouvir o Coral das Mães cantando a canção “Paciência”, do cantor e compositor Lenine, quando, toda a força presente nos versos da música transpareceu nas vozes daquelas mães. Nos momentos em que a canção dizia, por exemplo, “mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma / Até quando o corpo pede um pouco mais de alma / A

⁷ Carl Rogers (1902-1987) foi um psicólogo humanista que defendia uma aprendizagem centrada no aluno, aquele que deve fazer suas próprias escolhas. Para Rogers, “ o ensino deve facilitar a auto-realização, o crescimento pessoal” (MOREIRA,1999, p. 140) Neste sentido, sua abordagem é também fenomenológica e parte da percepção do aluno acerca da realidade, tornando-o responsável pelo seu próprio processo de aprendizagem.

vida não pára”, nos levaram a refletir sobre como o mundo exige delas, mesmo nos momentos em que elas já estão exaustas. E é nesses momentos que a voz se mostra como “um precioso instrumento de comunicação da beleza musical” e educar para ampliar essas potencialidades é “uma dádiva e um dever sócio-espiritual (*sic*)” (SAHDI, 2014, p. 19).

Diante do surgimento de novos desafios técnicos, a troca dos regentes foi essencial, visto que as abordagens técnicas de cada regente se adaptavam às necessidades do grupo naquele momento. O regente que esteve com as mães durante o ano de 2019, último ano do Coral das Mães, é um ótimo exemplo disso. Ele começou a trabalhar com o coral num momento em que as mães já haviam sido musicalizadas e o coro já tinha uma identidade e uma sonoridade própria. A partir desse ponto ele propôs uma lapidação técnica se apropriando de características do *belting*.⁸ Isto mostra a evolução técnica e musical do grupo, por meio de ações das próprias coristas. As demandas por novas peças mais “difíceis”, a vontade de se expressar melhor musicalmente foram demandas que fizeram o professor se adaptar ao grupo, e não ao contrário, como geralmente acontece. Essa promoção humana e estética, é, para nós, o que Koellreutter chamava de “humanização estética”, o que veremos mais detalhadamente no próximo tópico.

O significado do Canto Coral para o grupo de mães e a “humanização estética”

Gostaríamos, nesse momento, de evidenciar o aumento da autoestima das mães, juntamente com o aumento da desinibição e do traquejo social e apontar esses fatores como benefícios da sociomusicalização, alcançados através do canto coral. Podemos facilmente confirmar a existência desses benefícios e identificá-los nas falas de algumas das mães que integraram o grupo.⁹ Luiza¹⁰ por exemplo afirma:

⁸ Termo que se refere ao gênero de canto presente nos musicais da Broadway. Sundberg (2015) descreve o *belting* como um gênero de canto tenso e intenso que apresenta uma articulação muito clara do texto; segundo ele, é “uma maneira peculiar de cantar, na qual uma voz de peito em grande intensidade é produzida em uma área de fonação que poderia ser emitida no registro médio, assim como ocorre na ópera” (SUNDBERG, 2015, p. 277).

⁹ Ao final de cada ano, era prática do Programa Música na APAE, avaliar, por meio de questionários feito para os professores, pais e alunos, a repercussão do trabalho musical em suas vidas.

¹⁰ Os nomes são fictícios para preservarmos a identidade das coristas.

[...] é uma aproximação mais com as minhas colegas, é uma aproximação mais com vocês que teve uma dedicação muito grande com a gente, e eu falo que não desisti da gente, e que eu não canso de falá, vocês fizeram muita diferença na nossa vida com o coral...(...) significou muito pra mim, porque eu me distraí muito com o coral... sabe? E eu agradeço demais de coração a dedicação que vocês tiveram comigo, gostaria que o ano que vem continuasse, tá? Já faz parte da nossa vida. (Luiza, 2017)

No depoimento de Luiza, a interação com o grupo e conosco são os fatores que vêm à tona quando ela fala sobre o coral. Os aspectos musicais, na sua fala, se mostram como um ganho consequente dos encontros do coro. Nessa fala, além da integração grupal, Luiza aponta a postura empática dos professores-regentes para com elas (*não desisti da gente..., a dedicação que vocês tiveram...*). Como cita Brito (2001), o educador deve ser, na perspectiva de Koellreutter um facilitador da aprendizagem “autodirigida”, respeitando o universo do aluno e suas concepções. Esse pensamento também está em consonância com Rogers (1997), quando diz que “a aprendizagem significativa é possível se o professor for capaz de aceitar o aluno tal como ele é e de compreender os sentimentos que ele manifesta” (ROGERS, 1997, p.172).

Com essa postura empática, a decorrente troca de regentes, que já foi mencionada, não era um problema. Apontamos a relação como regente-grupo porque o entrosamento entre elas mantinha o grupo como uma unidade e o regente novato é que precisava se inserir no grupo.

Também na fala de Beatriz notamos como o coro afetou positivamente o estado de saúde mental, ao ser questionada sobre os benefícios que a música proporciona em sua vida:

Benefício que a música trouxe pra minha vida foi... é... como é que fala? Foi uma que, uma maneira assim que ocê canta e já... como é que fala? Te tira um estresse danado, e é bom também pra sua mente né?! Sua saúde... é bom cantá...desestressa entendeu? [...] porque às vez uma tá... tipo assim, depressiva, entendeu? Às vez, ai... ai... aí solta a voz aí já... ah, é muito bom. (Beatriz, 2017)

Como bem aponta Beatriz, “é bom cantá”. O ato de cantar, em grupo principalmente, exige de nós o desapego do ego, a entrega e uma escuta de si e do outro, além de um espírito de aprendiz, comungar dessa prática com seus pares “requer competência humana e técnica,

curiosidade de criança, coragem de astronauta e vontade de se lançar nessa profundidade cósmica de um espaço a ser conquistado” (SAHDI, 2014, p. 20).

Levando em consideração as experiências de vida dessas mães, toda sua carga emocional, e considerando a importância da saúde mental, uma parceria muito importante para o desenvolvimento do trabalho realizado com elas pelo programa, foi com o curso de Psicologia. Os alunos do curso de Psicologia passaram a atender também às mães, a pedido delas, no intuito de ajudá-las a lidar com as dificuldades e adversidades por elas relatadas.

O Coral proporcionou muitas vivências significativas a essas mulheres. Participando do coral, elas passaram a ter um momento dedicado a elas mesmas, um momento de partilha com um grupo ao qual pertenciam, fazendo algo que gostavam de fazer, puderam se sentir artistas e, em um determinado momento, passaram a não apenas se sentirem, mas também a serem artistas. Tiveram a oportunidade de se apresentar para diferentes públicos, seja em festividades da APAE, em eventos do Departamento de Música da Universidade, no palco do Conservatório Estadual de Música Padre José Maria Xavier ou ainda no palco do Teatro Municipal de São João del-Rei.

Para além das vivências do canto coral (convivência e prática musical em grupo, ensaios, aquisição de habilidades técnicas do canto, promoção artística por meio de apresentações públicas), o Coral das Mães também proporcionou a elas oficinas de cantoterapia e vivências do Yoga. Entendemos que a promoção da saúde e a busca por um estado de espírito sereno, bem como uma consciência acerca do momento presente, são necessárias para lidarmos com as turbulências vivenciadas na sociedade atual.

O Coral das Mães se manteve ativo durante 4 anos e findou suas atividades com uma apresentação de encerramento do período letivo do ano de 2019. O fim deste ano letivo coincidiu com o fechamento da EJA na APAE de São João del-Rei – MG, dando lugar ao Projeto Educação ao Longo da Vida, que objetiva garantir a esses formandos um espaço no mercado de trabalho ou um ambiente propício para que desenvolvam suas potencialidades. Acreditamos que o fim da EJA seja um dos motivos para o fim do Coral das Mães, visto que a mãe que aparentemente desempenhava uma liderança tácita dentro do grupo, parou de frequentar a APAE, pois seu filho foi um dos formandos da última turma da EJA. Somado a

isso, outros fatores decisivos para que se findasse o coro, foram o engajamento prioritário em outras atividades, associadas ao Clube das mães, como o Bazar Beneficente da APAE.

Como um último ponto, gostaríamos de descrever o desenvolvimento sociomusical, na perspectiva dos licenciandos e do que significou para eles essa experiência com o Coral das mães. Na fala do regente Tom, observamos a ênfase dada aos aspectos emocionais e de promoção das subjetividades das coristas:

(...) aquele momento para elas, era um momento de prazer, de encontrar as amigas (...) elas estavam mais interessadas no convívio, na experiência prazerosa (...) apesar disso algumas atividades elas gostavam de fazer, como preparação, umas brincadeiras em cânone, rítmicas, quando era mais na linguagem da brincadeira (...) era um pouco difícil de trabalhar minuciosidades e eu também não me apegava muito a isso (...) elas gostavam muito de receber pessoas e aprenderem coisas novas (...) elas se assistiam emocionalmente, quando percebiam que uma delas estava precisando de um apoio (...) as apresentações eram o auge pois elas se sentiam estrelas, nos ensaio próximos à apresentação já havia uma ansiedade positiva, e aparentemente essa energia as motivava, e elas tinham orgulho do que o coro representava para elas. (Tom, 2020)

Acreditamos que este tenha sido um ambiente de muito aprendizado para todos os regentes que compartilharam junto ao coro. Conhecer e buscar entender a realidade dessas mulheres permitiu a todos aqueles que a essa experiência se permitiram, construir uma relação regente-grupo baseada no diálogo e na compreensão. A tríade ensino, pesquisa e extensão é indissociável e carece de ambientes como esse, que possam, cada vez mais, direcionar o olhar do docente em formação para aquilo que há de humano no ato de ensinar, pois “alunos e professores constituem-se em sujeitos do ato de aprender” (NUNES; SILVA, 2011, p. 126).

Considerações Finais

Ao final desse trabalho, o que podemos concluir é que a extensão universitária é de suma importância para oportunizar à comunidade, saberes que, possivelmente a sociedade democrática, mas ainda extremamente desigual, não fornece de forma paritária. Nas palavras de Nunes e Silva (2011):

O fortalecimento da relação universidade/sociedade prioriza a superação das condições de desigualdades e exclusão existentes. Através de projetos sociais, a universidade socializa seu conhecimento e disponibiliza seus serviços, exercendo sua responsabilidade social, ou mesmo sua missão: o compromisso com a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos (NUNES; SILVA, 2011, p.119).

O Coral das Mães da APAE foi uma experiência que mostrou o quão importante é a autonomia do aprendiz na relação ensino-aprendizagem. O engajamento dos alunos é muito maior quando a aprendizagem é direcionada por eles mesmos, quando há prazer na aprendizagem e quando o professor se apresenta como um facilitador do processo e um ouvinte atento às demandas do grupo.

Acreditamos que essa abordagem mais holística, que integra o homem social, estético e individual, é uma via mais significativa tanto para o professor quanto para o aluno. É um processo de troca, de diálogo e de construção coletiva de conhecimentos musicais, fortalecimento das relações grupais e desenvolvimento da afetividade.

Referências

BREUNIG, Tiago Hermano. H. J. Koellreutter e Mário de Andrade: Um contraponto. *Organon*, Porto Alegre, v. 31, n. 61, p. 31-47, 2016.

BRITO, Teca Alencar de. *Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical*. São Paulo: Peirópolis, 2001.

CHIARELLI, L. K. M.; BARRETO, S. J. A importância da musicalização na educação infantil e no ensino fundamental: a música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser. *Revista Recre@rte*, n.3, 2005. disponível em <http://www.iacat.com/Revista/recreate/recreate07/Seccion3/3.cm.%20%20m%C3%BAasic.a.%20LIGIA.pdf>>. Acesso 21 set. 2020.

FERNANDES, José Nunes. Normatização, estrutura e organização do ensino da música nas escolas de educação básica do Brasil: LDBEN/96, PCN e currículos oficiais em questão. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 10, p. 75-87, 2004.

KOELLREUTTER, Hans-Joachim. *Cadernos de estudo: Educação musical: Especial Koellreutter*. Organização: Carlos Kater. São João Del Rei : Fundação Koellreutter, 2018.

LENINE. *Paciência*. Na Pressão (1999). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=L3YblLix5Lo&list=PLXogF2Rw88Bc4fKMa8UmvNDJbUyfovF7c&index=4>>. Acesso em 01 set. 2020

LUNDQUIST, B. R. Sociomusicology and the educations of the musician. *Proceedings the fifty-seventh anual meeting*. Dallas, Texas: National Association of Schools of Music, 1982.

MILLER, Richard. *A Estrutura do Canto: sistema e arte na técnica vocal*. Tradução Luciano Simões Silva. São Paulo: É Realizações, 2019.

MOREIRA, Marco Antônio. *Teorias de Aprendizagem*. São Paulo: EPU, 1999.

NUNES, Ana Lúcia de Paula Ferreira; SILVA, Maria Batista da Cruz. A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. *Mal-Estar e Sociedade*, Barbacena, Ano IV, n. 7, - p. 119-133, 2011.

PENNA, Maura; BARROS, Olga Renalli Nascimento e; MELLO, Marcelo Ramalho de. Educação musical com função social: qualquer prática vale? *Revista da ABEM*, Londrina, v.20, n.27, p.65-78, 2012.

PICOLI, Florindo Rhaoni; TAKAHASHI, Adriana. Capacidade de Absorção, Aprendizagem Organizacional e Mecanismos de Integração Social. *RAC*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, art. 1, p. 1-20, 2016.

ROGERS, Carl. *Tornar-se Pessoa*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SAHDI, Anna Paula. *O Caminho Natural da VOZ: método de canto com enfoque terapêutico*. São Paulo: Editora Alfabeto, 2014.

SUNDBERG, Johan. *Ciência da voz: Fatos sobre a Voz na Fala e no Canto*. Tradução e revisão, Gláucia Laís Salomão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.